

Perspectivas de uma literacia arquivística: reflexões sobre arquivos, mediação e usuários

Thiago de Oliveira Vieira

Arquivo Nacional (Brasil), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

thiagooov@globo.com

Paola Rodrigues Bittencourt

Arquivo Nacional (Brasil), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

paolarb@gmail.com

Marcelo Nogueira de Siqueira

Arquivo Nacional (Brasil), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Arquivologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

mnsiq@yahoo.com.br

DOI: <https://10.26512/rici.v12.n2.2019.17159>

ARTIGOS

Recebido/Recibido/Received: 2018-10-15

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2018-12-26

Resumo: Apresenta os conceitos de literacia e literacia da informação e explora a noção de literacia arquivística. Contextualiza a relação arquivo-usuário a partir da mediação arquivística, educação patrimonial e educação em arquivos. Estabelece as diferenças entre a noção de literacia arquivística e o conceito de educação patrimonial. Artigo exploratório, em que a pesquisa bibliográfica sistemática, realizada em bases de dados, serviu de alicerce para o delineamento do estado da arte em torno da noção de literacia arquivística. Os resultados apontam para uma noção emergente de literacia arquivística, ainda não muito explorada em língua portuguesa, conforme evidenciado a partir dos resultados da pesquisa bibliográfica. Destaca algumas reflexões e perspectivas de literacia arquivística para os arquivos e as instituições arquivísticas.

Palavras-chave: Arquivologia. Educação patrimonial. Estudo de usuários. Humanidades digitais. Literacia arquivística. Mediação arquivística.

Perspectives of an archival literacy: reflections on the archive, mediation and the user

Abstract: It presents the concepts of information literacy and literacy and explores the notion of archival literacy. Contextualizes the archive-user relationship from archival mediation, heritage education and archival education. It establishes the differences between the notion of archival literacy and the concept of heritage education. Exploratory article, in which systematic bibliographic research, carried out in databases, served as a foundation for the design of the state of the art around the notion of archival literacy. The results point to an emerging notion of archival literacy, not yet widely explored in Portuguese language, as evidenced by the results of the bibliographic research. It highlights some reflections and perspectives of archival literacy for archives.

Keywords: Archival Science. Archival literacy. Archival mediation. User studies. Heritage education. Digital humanities.

Perspectivas de una alfabetización archivística: reflexiones sobre archivos, mediación y usuarios

Resumen: Presenta los conceptos de alfabetización y alfabetización de la información y explora la noción de alfabetización archivística. Contextualiza la relación archivo-usuario a partir de la mediación archivística, educación patrimonial y educación en archivos. Establece las diferencias entre la noción de alfabetización archivística y el concepto de educación patrimonial. Artículo exploratorio, en que la investigación bibliográfica sistemática, realizada en bases de datos, sirvió de base para el delineamiento del estado del arte en torno a la noción de alfabetización archivística. Los resultados apuntan a una noción emergente de alfabetización de archivo, no muy explorada en idioma portugués, como se evidencia a partir de los resultados de la búsqueda en la literatura. Destaca algunas reflexiones y perspectivas de alfabetización archivística para los archivos y las instituciones archivísticas.

Palabras clave: Archivística. Literatura archivística. Mediación archivística. Estudio de usuarios. Educación patrimonial. Humanidades digitales.

1 Introdução

A necessidade de novas formas de interação entre arquivo e sociedade, a partir da ampliação do uso das tecnologias de informação e comunicação faz com que as instituições arquivísticas revejam seu *modus operandi*. Essa nova maneira de executar suas atividades e publicizar seus resultados, perpassa a utilização de diversos espaços virtuais e ferramentas digitais para proporcionar o acesso aos documentos sob sua custódia (garantindo a transparência, o exercício da cidadania, o incentivo à produção de conhecimento e a garantia de direitos).

Para Jardim e Fonseca (2004), “a emergência de práticas inéditas de produção, transferência e uso da informação abrem possibilidades ilimitadas para seu uso e oferta, envolvendo um conjunto cada vez mais amplo e “anônimo” de “indivíduos.” Nesse sentido, as tecnologias de informação e comunicação impõem novas demandas dos usuários aos arquivos, provocando uma realocação ou desaparecimento de fronteiras físicas, reforçando com isso a ideia de um novo modelo de instituição arquivística que emerge dos espaços físicos aos espaços virtuais.

O conceito de “lugar” torna-se secundário para o profissional da informação e para os usuários;

Onde a informação se encontra não é o mais importante e sim o acesso à informação;

A ênfase na gestão da informação desloca-se do acervo para o acesso, do estoque para o fluxo da informação, dos sistemas para as redes;

Sob a banalização das tecnologias da informação, os usuários (aos menos os não excluídos do acesso às tecnologias da informação), produzem novas demandas aos arquivos, bibliotecas, centros de documentação e provocam a realocação ou supressão de fronteiras que demarcam tais espaços;

Emergem espaços informacionais virtuais (bibliotecas, arquivos. etc.) cuja existência, longe de excluir as instituições documentais tradicionais, sugere-lhes novas possibilidades de gestão da informação. (JARDIM, 1999, p. 1-2)

Estas novas formas de acesso *on-line* e uso da informação, longe dos espaços físicos tradicionais dos arquivos, excluem o papel da mediação convencional entre arquivistas e usuários (MCCAUSLAND, 2011. p. 312-313). Como aponta Stevenson (2008, p. 91), enquanto os usuários cada vez mais pesquisam e fazem uso dos documentos e informações disponíveis, sem fazer visitas físicas às instituições, os arquivistas permanecem focados em processos de atendimento tradicionais e acesso aos documentos físicos.

A pesquisa em arquivos pressupõe um entendimento da forma como os documentos são constituídos, organizados e disponibilizados, dos métodos e técnicas que regem as práticas arquivísticas e das questões éticas e legais do uso e difusão desses documentos e de suas informações. Assim, a intermediação do arquivista no processo de pesquisa em um arquivo, indo além da simples disponibilização da informação, tende a garantir maior qualidade nas pesquisas realizadas nos arquivos. Segundo Duff (2016), a mediação praticada por arquivistas fornece serviços de referência que incluem uma série de atividades projetadas para auxiliar os pesquisadores a localizar fontes que desejam usar para sua pesquisa. Ainda segundo o autor, “a promessa de acesso universal ao material arquivístico não se concretizará a não ser que haja arquivistas disponíveis para ajudar na mediação entre os usuários e o que eles buscam” (DUFF, 2016, p. 171).

A partir do exposto, colocam-se as seguintes indagações:

- A atribuição das instituições arquivísticas, nos espaços virtuais, se encerra a partir da disponibilização das bases de dados com as informações sobre os acervos por elas custodiados e seus respectivos representantes digitais¹?
- Os usuários possuem conhecimento dos métodos e técnicas que foram aplicados na organização e disponibilização dos acervos, de modo que possam realizar as suas pesquisas sem a mediação de um arquivista e fora dos espaços físicos do arquivo?
- Os usuários conhecem e compreendem os aspectos éticos e legais do uso e difusão de documentos e informações arquivísticas?
- Na ausência deste conhecimento citado acima, qual a qualidade das informações pesquisadas? As expectativas dos usuários são satisfeitas?

¹ Segundo definição do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ, [s.d.]): “O documento digitalizado é a representação digital de um documento produzido em outro formato e que, por meio da digitalização, foi convertido para o formato digital. Geralmente, esse representante digital visa a facilitar a disseminação e o acesso, além de evitar o manuseio do original, contribuindo para a sua preservação. Todo documento digitalizado é um documento digital, mas nem todo documento digital é um documento digitalizado.”

- Como substituir a mediação arquivística dos atendimentos presenciais, para quem realiza pesquisa nos espaços virtuais?
- Como tornar as instituições arquivísticas mais acessíveis e visíveis para o público a partir da disponibilização de acervos *on-line*?

Para Antónia, “o arquivista do século XXI só poderá reforçar o seu papel e assumir uma nova visibilidade, se conseguir dar o salto qualitativo, que passa pela assumpção de novas responsabilidades e pela aquisição de novas competências.” (ANTÓNIA, 2007, p. 6-7).

No contexto apresentado neste artigo, esse “salto qualitativo” perpassa a literacia arquivística² dos usuários de um arquivo, de forma que eles possam realizar suas pesquisas sem a intermediação do arquivista, longe dos espaços tradicionais do arquivo (físico).

Segundo Houaiss (2009, p. 1172; 1188) literacia é a “qualidade ou condição de quem é letrado”, ou seja, daquele que possui cultura e erudição, que é instruído em algo e por isso o compreende. Esta qualidade ou condição advém de um processo de aprendizado que objetiva a compreensão e o domínio de determinada área ou atividade, promovida através da aquisição de um conjunto de saberes, técnicas e aptidões.

A literacia arquivística implica, portanto, no oferecimento aos usuários da possibilidade de obtenção do conhecimento e habilidades necessárias para a compreensão de como consultar e utilizar os arquivos, a partir do entendimento dos métodos e técnicas que regem a organização e disponibilização dos seus acervos e das questões éticas e legais do uso e difusão. A função desta literacia arquivística é permitir que o usuário saiba como pesquisar e interpretar as informações disponíveis para consulta nos instrumentos de pesquisa e em bases de dados. O resultado desta capacidade de compreensão é a qualidade - não a quantidade - das informações pesquisadas, sem a necessidade de auxílio da mediação arquivística.

Assim, o objetivo deste artigo é explorar o conceito de literacia da informação³ e refletir sobre a noção de uma literacia arquivística⁴. Além disso, busca-se compreender de que forma a utilização desta noção pode contribuir na redefinição da mediação arquivista-usuário e na qualidade do acesso à informação disponível *on-line* pelos arquivos.

² Neste artigo optou-se pela tradução de “archival literacy” para literacia arquivística.

³ Observou-se na literatura em língua portuguesa formas diferentes para a tradução de “information literacy”: alfabetização informacional, literacia informacional e literacia da informação. Nesta pesquisa prioriza-se o uso do termo literacia da informação.

⁴ Prefere-se categorizar a literacia arquivística como uma noção, tendo como entendimento de que “noções dizem respeito aos elementos de uma teoria que ainda não possuem clareza suficiente para alcançar o status de conceito e são usados como 'imagens' para explicações aproximadas do real” (MINAYO, 2010, p.176). Esta preferência deu-se a partir dos resultados da pesquisa bibliográfica desta pesquisa.

Justifica-se a pertinência desta pesquisa a partir dos resultados da pesquisa bibliográfica, apresentada na parte metodológica deste artigo, em que evidencia a escassa produção científica, a partir dos critérios de pesquisa apresentados, sobre a noção de literacia arquivística em língua portuguesa.

2 Metodologia

Com relação à abordagem do problema, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Do ponto de vista dos objetivos, enquadra-se como uma pesquisa exploratória, utilizando como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica sistematizada.

A pesquisa bibliográfica sistematizada foi dividida, inicialmente, em duas fases. A primeira fase consistiu em uma pesquisa bibliográfica nas seguintes bases de dados: *Web of Science*, Biblioteca do Conhecimento *On-line (b-on)*, Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e *Google Acadêmico*.

A pesquisa foi realizada nos dias 29 e 30 de maio de 2018. Os termos utilizados na pesquisa foram: “literacia arquivística”, “letramento arquivístico”, “alfabetização arquivística” e “archival literacy”⁵. As estratégias de pesquisa e os resultados estão sintetizados no quadro 1.

Quadro 1: Resultados da pesquisa bibliográfica da primeira fase.

Termos de pesquisa	Web of Science	B-on	Brapci	Google acadêmico
	(principal coleção da Web of Science, campo tópico)	(campo texto completo, com filtro de revistas acadêmicas)	(título, palavras-chave e resumo)	(em qualquer parte do texto)
“literacia arquivística”	0	0	0	0
“letramento arquivístico”	0	0	0	2
“alfabetização arquivística”	0	0	0	0
“archival literacy”	5	187	2	48

Fonte: Elaborado pelos autores.

A segunda fase foi realizada a partir da exclusão dos artigos duplicados e da leitura dos resumos das produções acadêmicas, buscando eleger os artigos que tinham interesse para o estudo. Selecionou-se um total de onze artigos e uma tese de doutoramento para compor a revisão conceitual do tema da literacia arquivística.

⁵ Como forma de abranger a pesquisa bibliográfica, optou-se por incluir os termos letramento arquivístico e alfabetização arquivística.

Após a seleção, realizou-se uma leitura exaustiva nos documentos escolhidos a partir da primeira leitura, buscando sistematizar os conceitos que serão operacionalizados na revisão sistemática da literatura.

Ao observar a ausência de referências, em língua portuguesa, para os termos “literacia arquivística” e “alfabetização arquivística” e apenas duas referências para o termo “letramento arquivístico”, a partir dos critérios de pesquisa utilizados acima, optou-se por incluir uma terceira etapa na pesquisa.

Esta terceira etapa consistiu em pesquisa bibliográfica e seleção de referências, utilizando os termos “educação patrimonial em arquivos” e “educação em arquivos”, atendendo os critérios de pesquisa descritos no quadro abaixo. A opção da inserção da expressão “em arquivos” se deu para restringir os resultados da pesquisa, uma vez que os termos “educação” e “educação patrimonial” são utilizados por pesquisas de diversas áreas do conhecimento.

Quadro 2: Resultados da pesquisa bibliográfica da terceira fase.

Termos de pesquisa	Web of Science	B-on	Brapci	Google acadêmico
	(principal coleção da Web of Science, campo tópico)	(campo texto completo)	(título, palavras-chave e resumo)	(em qualquer parte do texto)
“educação patrimonial em arquivos”	0	2	6	46
“educação em arquivos”	0	4	27	11

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da leitura dos resumos da produção acadêmica, que foi resultado da pesquisa acima, selecionou-se cinco artigos que possuem relação com a temática deste trabalho.

3 Literacia e literacia da informação

Como observado anteriormente, a literacia pode ser entendida como um processo de aquisição, desenvolvimento e aplicação de competências que resultará na compreensão de determinada área ou atividade, tornando seu detentor apto a usufruir de suas possibilidades.

A literacia, portanto, não está só na capacidade de ler ou escrever, ou seja, apenas relacionada com a alfabetização, mas também no conhecimento básico de um determinado campo de estudo ou área do conhecimento (SNAVELY; COOPER, 1997, p. 12).

Partindo desta compreensão, a literacia da informação, poderá ser percebida como "a capacidade de acessar, avaliar e usar informações de uma variedade de fontes, o que representa os componentes básicos do consenso do grupo" (DOYLE, 1992, p.4, tradução nossa). Para a autora, os atributos de uma pessoa que possui literacia da informação são:

1. reconhece a necessidade de informação;
2. reconhece que informações precisas e completas são a base para uma tomada de decisão inteligente;
3. identifica fontes potenciais de informação;
4. desenvolve estratégias de busca bem-sucedidas;
5. acessa fontes de informação, incluindo tecnologias baseadas em computador e outras;
6. avalia informações;
7. organiza informação para aplicação prática;
8. integra novas informações em um corpo de conhecimento existente; e
9. usa informações no pensamento crítico e na resolução de problemas (DOYLE, 1992, p. 4, tradução nossa).

Apreende-se que a competência em literacia da informação propicia a busca, acesso, avaliação e uso das informações, a partir de um conjunto variado de fontes de informação.

A UNESCO, em seu programa para Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), a partir de seus Estados-membros, define como alfabetização informacional:

Habilidade de reconhecer quando as informações são necessárias e como localizá-las, avaliá-las, utilizá-las de forma eficaz, assim como comunicá-las em seus diversos formatos. A alfabetização informacional inclui as competências eficazes em todas as etapas do ciclo de vida de documentos de todos os tipos, a capacidade de compreender as implicações éticas desses documentos e a habilidade de se comportar de maneira ética em todas as etapas. Está centrada no engajamento com a informação e no processo de se tornar informado. Está, ainda, fortemente associada aos conceitos de "aprender a aprender" e tomada de decisões por meio da ênfase na definição das necessidades, dos problemas e das informações relevantes, bem como no uso da informação de maneira crítica e com responsabilidade e ética. É um processo de pensamento dinâmico e um conjunto de competências que não é totalmente dependente da presença de sistemas e tecnologias de informação em particular, mas que é altamente influenciado por estes (UNESCO, 1972, p. 185-186).

A literacia arquivística pode ser entendida como uma dimensão da literacia da informação, a partir de um tipo específico de fonte de informação: o arquivo e os documentos de arquivo.

4 Literacia arquivística

A noção de literacia arquivística começa a surgir na literatura arquivística no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a partir das obras de Gilliland-Swetland, Kafai e Landis, 1999; O'Toole, 1995; Yakel, 2004 e Yakel e Torres, 2003 (BLUNDELL, 2014, p. 41).

Gilliland-Swetland *et al.* (1999) trabalham a literacia arquivística na perspectiva do uso de fontes primárias nas escolas de ensino fundamental, com o objetivo de integrar estas fontes no processo de aprendizagem dos alunos dos primeiros anos, explorando as implicações para o desenvolvimento de sistemas digitais que usam materiais de arquivo para apoiar a aprendizagem em sala de aula. O projeto contou com a participação de pesquisadores, estudantes de pós-graduação em Arquivologia e de um arquivista da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) (GILLILAND-SWETLAND; KAFAI; LANDIS, 1999).

Em artigo publicado no ano de 1972, o arquivista Hugh Taylor descreve algumas experiências com o uso de materiais de arquivo em salas de aula em que alunos, acostumados apenas com o uso de livros didáticos, foram submetidos ao contato com fontes primárias e apresentaram dificuldades na compreensão do acervo e das fontes trabalhadas. Segundo o autor, os alunos tornam-se vítimas “de uma sociedade industrializada e segmentada, consumindo o chamado conhecimento na forma de fatos” (TAYLOR, 1972, p. 318, tradução nossa). Assim, já na década de 1970, Hugh Taylor destaca a importância de alunos de graduação e de escolas despertarem o interesse pelos arquivos.

A partir da literatura selecionada na pesquisa bibliográfica é possível observar inúmeras ações de uso dos documentos de arquivo em salas de aula, desde as escolas primárias ao ensino superior, além da atuação dos arquivistas nestas práticas de promoção da literacia arquivística. Além de Hugh Taylor (1972) e Gilliland-Swetland, Kafai, e Landis (1999), citados acima, destacam-se os trabalhos de Chepesiuk (1983); Wilson (1990-1991); Cook (1997); Yakel (2004); Archer, Hanlon e Levine (2009); Krause (2010); Nimer e Daines III (2012)⁶.

A utilização de materiais de arquivo no processo de aprendizagem agrega um valor múltiplo na formação dos alunos. Para além do conhecimento histórico, este processo de aprendizagem recai no domínio da literacia da informação e da literacia arquivística (GILLILAND-SWETLAND; KAFAI; LANDIS, 1999, p. 92).

Literacia arquivística relaciona-se à consciência dos usuários com o seu patrimônio documental e o papel que os documentos de arquivo desempenham na garantia de seus direitos e no registro e comunicação de seu patrimônio. Literacia arquivística também diz respeito às habilidades dos usuários na pesquisa de informações ou provas em um arquivo. Essas habilidades incluem a capacidade de considerar os documentos em seu contexto arquivístico, em constituir significados a partir da utilização de fontes primárias (não sintetizados ou não redigidos), em considerar as circunstâncias da produção do documento (ou seja, perguntar quem, o que, quando, porque, onde, e como), analisar forma e natureza do documento,

⁶ As referências apresentadas são descritas nos artigos científicos que foram selecionados para revisão sistemática da literatura. Reconhece-se outras iniciativas de usos de documentos arquivísticos no ensino escolar e universitário. A maioria dos autores objetos da sistematização teórica sobre literacia arquivística, aqui apresentados, utiliza esses exemplos como ações de literacia arquivística.

determinar se é um documento original, e em que versão, e compreender a sua cadeia de custódia (GILLILAND-SWETLAND; KAFAI; LANDIS, 1999, p. 92-93, tradução nossa).

A literacia arquivística, muito mais do que auxiliar o ensino a partir de fontes primárias, promove o conhecimento, desenvolve as habilidades e possibilita o aprendizado dos usuários de arquivo na compreensão dos métodos e técnicas que permeiam a organização, preservação e acesso dos documentos arquivísticos. Estas capacidades propiciam aos usuários uma melhor qualidade na recuperação da informação e na compreensão dos contextos e estruturas de um acervo arquivístico.

Nesmith (2007, p. 3) pontua que é cada vez mais claro a existência de uma dimensão arquivística de longo prazo, fruto de uma ampla gama de uso dos arquivos na sociedade. Parte desta demanda dos arquivos, e conseqüente aumento de sua visibilidade, está na disseminação de acervos (incluindo documentos digitalizados) na internet.

O autor assinala que esta é a oportunidade para os arquivos romperem com um antigo problema central dos arquivos: a inacessibilidade e a invisibilidade.

A ampla gama de usos dos arquivos e sua maior acessibilidade contribuem para a outra característica marcante do novo ambiente de arquivo: a reconceitualização de arquivos. Os arquivos não podem mais ser vistos apenas como lugares amplamente inacessíveis que existem por propósitos acadêmicos aparentemente bastante estreitos e arcanos (NESMITH, 2007, p. 3, tradução nossa).

Essa reconceitualização do arquivo perpassa o que o autor denomina de programação pública por meio das escolas, como forma de formar e ampliar a próxima geração de usuários dos arquivos.

Refletindo a mais ampla reconceitualização do arquivamento, a nova programação pública também ajudaria a explicar como as ações de registro e arquivamento ajudam a moldar nosso senso de realidade e o poder social e político dos processos de registro e arquivamento e as questões éticas envolvidas. O objetivo seria melhorar o que poderíamos chamar de literacia arquivística (NESMITH, 2007, p. 7, tradução nossa).

A promoção da literacia arquivística é colocada como um potencial formador de novos usuários e de promoção dos arquivos, garantindo com isso maior visibilidade.

Na visão de Blundell (2013), a literacia arquivística é definida como uma combinação do modelo da literacia da informação ---“encontrar, usar e incorporar”---, e a navegação e instrução especializada, tipicamente experimentada em um arquivo. A literacia arquivística difere da literacia da informação em dois aspectos: o primeiro reside na importância do uso e compreensão de fontes primárias e o segundo é a que a partir da literacia arquivística estende-se a potencialidade do arquivo para outras necessidades do usuário (BLUNDELL, 2013, p. 1).

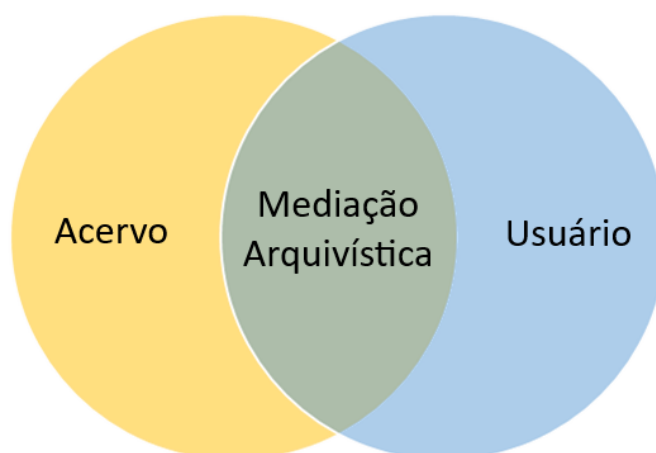
Duff (2006, p. 149), ao trabalhar a mediação do ponto de vista dos arquivistas que atuam em instituições arquivísticas, a partir da interação local e à distância, do ponto de vista das mediações remotas (não presencial, longe dos espaços físicos das instituições arquivísticas), defende a importância da literacia arquivística e do papel que os arquivistas devem desempenhar nessa capacitação dos usuários.

A pesquisa nos arquivos, a partir de bases de dados disponibilizadas de forma *on-line* pelas instituições já é uma realidade. Nessa perspectiva, a sua necessidade de informação está sendo suprida de forma satisfatória? Ao realizar uma pesquisa *online* em um arquivo e não encontrar uma informação significa que a informação não existe neste arquivo? Ou existe, mas o usuário não tem o conhecimento de como localizar esta informação? O usuário *on-line* possui uma literacia que o permita entender a estruturação intelectual das informações de um acervo arquivístico disponibilizado nos resultados de uma pesquisa?

Johnson reitera que os usuários de arquivos *on-line* precisam fazer mais do que localizar informações nos instrumentos disponibilizados, eles precisam de assistência para fazer as perguntas certas e entender os seus resultados de pesquisa (JOHNSON, 2008, *apud* MCCAUSLAND, 2011, p. 315). Assim, MacCausland afirma que “os arquivos maiores precisarão mudar suas mentalidades, bem como seu serviço de referência para atender às necessidades de diferentes grupos de usuários” (2001, p. 316, tradução nossa).

A figura 1 demonstra um esquema tradicional de mediação arquivística, em um arquivo, onde a mediação arquivística aparece como uma interseção entre usuário e acervo, ou seja, entre as necessidades de informação de um usuário e as diversas formas de pesquisa nos instrumentos disponíveis para recuperar a informação.

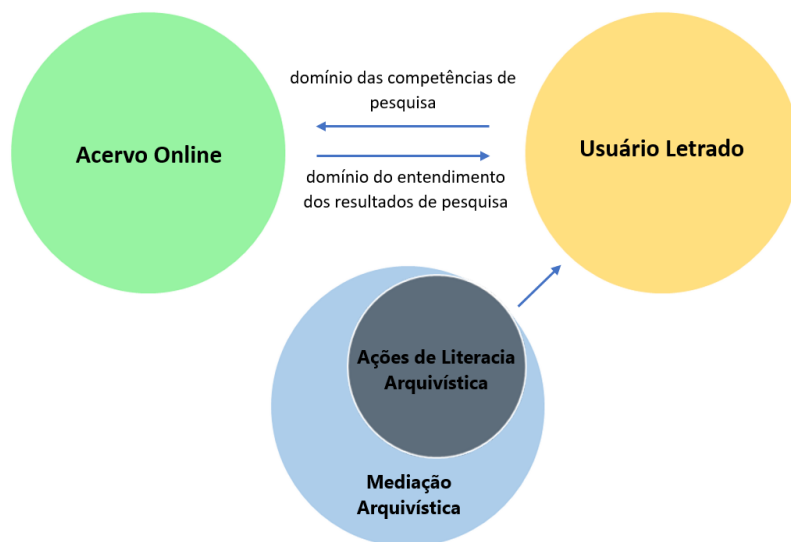
Figura 1. Esquema de mediação arquivística tradicional usuário-acervo.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na perspectiva de um cenário de pesquisa *online*, sem a atuação da mediação arquivística tradicional, entre o acervo e o usuário, as ações de literacia arquivística promovem um conhecimento e desenvolvem habilidades para que o usuário saiba como pesquisar e interpretar os resultados da pesquisa.

Figura 2. Esquema de interação usuário-acervo, na perspectiva de um usuário com competências em literacia arquivística.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Cabe ressaltar, que embora o esquema acima exponha a relação usuário letrado-acervo *on-line*, um usuário com competências em literacia arquivística pode utilizar suas habilidades em pesquisa, interpretação e uso nos tradicionais espaços e instrumentos físicos do arquivo.

A mediação nos arquivos pressupõe uma intermediação entre o usuário e o acervo custodiado pela instituição. Nesta perspectiva, as funções de mediação arquivística para além do modelo tradicional (figura 1), também se referem às ações de capacitação e desenvolvimento de habilidades (literacia arquivística) dos usuários nas competências de pesquisa, interpretação e uso dos arquivos, principalmente, mas não exclusivamente, a partir das bases de dados *on-line* dos arquivos, (figura 2).

Yakel e Torres (2003), realizaram uma pesquisa que tinha como objetivo o desenvolvimento de um modelo de “conhecimento do usuário” para que pudesse ser incorporada nas ações de literacia arquivística pelos arquivos.

Importa destacar que as autoras trabalham com o termo inteligência arquivística - “*archival intelligence*” - ao que se denomina nesta pesquisa de literacia arquivística (utilizado pela maioria dos autores alvo desta revisão sistemática de literatura).

Inteligência arquivística é o conhecimento de um pesquisador sobre as instituições arquivísticas, seus princípios e práticas, como as razões subjacentes aos métodos e práticas de organização dos arquivos, como desenvolver estratégias de busca para explorar questões de pesquisa e uma compreensão da relação entre fontes primárias e seus substitutos (YAKEL; TORRES, 2003, p. 52, tradução nossa)

As ações de literacia arquivística de um usuário de arquivo, na perspectiva de Yakel e Torres (2003, p. 54), pautam-se em três perspectivas:

1. o conhecimento da teoria arquivística, seus métodos e práticas;
2. estratégias para redução de incertezas e de ambiguidades, quando se depara com problemas não estruturados ou soluções mal definidas de pesquisa;
3. capacidade para compreender as representações dos documentos (descrições arquivísticas) e o objeto real representado (documento arquivístico).

Estas ações de letramento de um pesquisador de arquivos tornam-se cada vez mais necessárias em virtude do “aumento da quantidade de dados arquivísticos (informações gerais, representações, coleções digitalizadas) agora disponíveis *on-line*, com pouca ou nenhuma mediação humana” (YAKEL; TORRES, 2003, p. 54, tradução nossa).

Estas dimensões propostas pelas autoras constituem-se uma proposta inicial, dirigidas à comunidade arquivística, sobre os propósitos e conteúdos para formação de pesquisadores experientes em fontes primárias custodiadas em arquivos.

Ressalta-se que as ações de literacia arquivística não são voltadas para transformar um usuário de um arquivo em arquivista ou profissional de arquivo. É importante compreender que o domínio da literacia arquivística perpassa em uma delimitação de limites de conhecimento, que proporcione aos usuários maior habilidade nas pesquisas em arquivos.

Como mencionado anteriormente, na seção metodológica deste artigo, percebeu-se que a ausência de pesquisas científicas que utilizam os termos “literacia arquivística”, “letramento arquivístico” e “alfabetização arquivística”, não reflete a ausência de pesquisas sobre a temática da educação de usuários de arquivos pelos arquivistas e pelas instituições arquivísticas.

Esta percepção foi corroborada com a afirmação de Koyama⁷, em sua tese de doutoramento.

Ao longo da leitura bibliográfica, percebemos que dois grandes movimentos combinam-se na valorização contemporânea das ações educativas dos arquivos *on-line*. Um movimento, que parte dos arquivos, impulsionado pelas culturas da memória, busca criar experiências de **educação em arquivos** que valorizem o patrimônio documental público: são propostas de ensino que podem ser enquadradas na perspectiva da **educação patrimonial** [...] (KOYAMA, 2013, p. 24, grifo nosso).

Assim, procura-se na próxima seção, estabelecer as interfaces entre essas três perspectivas conceituais: a literacia arquivística, a educação patrimonial e a educação em arquivos.

5 Literacia arquivística, educação patrimonial e educação em arquivos

Ao analisar a literacia arquivística percebe-se também que esta não deve ser confundida com educação patrimonial ou com educação em arquivos, pois apesar de algumas possíveis convergências iniciais, possuem trajetórias e objetivos distintos. Com o intuito de comparação, serão apontados alguns objetivos e abrangências da educação patrimonial, da educação em arquivos e os da literacia arquivística, procurando identificar onde essas perspectivas se aproximam e onde se distanciam, para, enfim, perceber a literacia arquivística em seu contexto e foco de atuação.

Fratini (2009), Koyama (2012) e Parrela (2013) destacam como a educação patrimonial nos arquivos serve para legitimar os arquivos enquanto patrimônio de uma sociedade e trazer a sociedade a reconhecer os arquivos como bens públicos.

Nessa perspectiva Parrela (2013) apresenta uma reflexão sobre o uso da metodologia de educação patrimonial em arquivos brasileiros e coloca em debate alguns autores que abordam a questão da educação patrimonial em arquivos, assim como ressalta a ausência de aprofundamento conceitual sobre o tema.

Fratini utiliza a definição de educação patrimonial, apresentada por Horta, no qual aponta:

O que é, afinal, a Educação Patrimonial? Trata-se de um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização** de

⁷ Ressalta-se que a referência de Koyama (2013) foi a única em língua portuguesa recuperada a partir do termo “letramento arquivístico”, uma derivação terminológica de “literacia arquivística”, respeitando os critérios utilizados e descritos na seção metodológica deste trabalho.

sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural** (FRATINI, 2009, p. 2 *apud* HORTA, 2006, p. 6, grifos do autor)

O foco desta abordagem concentra-se no uso dos arquivos como forma de promover nos indivíduos uma compreensão de sua cultura e da sociedade no qual estão inseridos, além de destacar a necessidade desta metodologia de educação patrimonial em arquivos como forma de levar mais usuários aos arquivos.

Para as autoras as ações educativas em arquivos são consideradas formas de difusão do acervo e do arquivo enquanto instituição voltada à preservação de um patrimônio coletivo, na medida em que a sociedade passa a reconhecer o arquivo como um patrimônio público e que deve ser usado como ferramenta tanto para auxiliar no ensino em escolas, como para ampliar a educação cultural dos indivíduos.

Em uma perspectiva bastante próxima da educação patrimonial, segue a educação em arquivos, que segundo Koyama (2016, p. 75) ao analisar o ensino de história a partir do uso de acervos disponibilizados na internet afirma que os arquivos

buscam criar experiências de educação que valorizem o patrimônio documental. Articulado a esse impulso, encontra-se um movimento ligado a políticas públicas de ensino de história e a propostas relativas à produção de conhecimento histórico-educacional, que vem aproximando escola e instituições arquivísticas, em atividades de leitura de documentos no ensino de história (KOYAMA, 2016, p. 75).

No contexto da educação em arquivos já não se trata de difundir o acervo à sociedade e desenvolver nesta uma ampliação de suas percepções sociais e culturais. Aqui a abordagem é focada no uso dos arquivos como ferramenta educacional em si, em salas de aula, como parte de projetos educacionais. Koyama (2015, p. 161) discute ainda como os arquivos vem se afirmando cada vez mais como representação do passado em um processo em que a cultura da memória tem se expandido e como se insere nesse contexto "a produção de artefatos educacionais nos arquivos públicos, bem como seu papel emergente na produção de narrativas históricas e em seu ensino".

Todas as análises possuem como pano de fundo o tripé "arquivo – memória – patrimônio". Não que este deva ser deixado de lado, mas é preciso ressaltar que a literacia arquivística não se resume à compreensão e ao uso de arquivos enquanto patrimônio, como um "lugar de memória" (NORA, 1993, p. 12-13). A literacia arquivística caminha por outras perspectivas além desta.

Por um lado, a educação em arquivos volta-se ao uso das fontes primárias, dos acervos permanentes como ferramentas pedagógicas. Em uma perspectiva bem próxima, a educação

patrimonial tenta desenvolver na sociedade a compreensão dos arquivos como apoio ao desenvolvimento sociocultural. Por outro lado, no caso da literacia arquivística, percebe-se que há uma fronteira tênue com as demais vertentes, porém não focada no uso do acervo ou na percepção dos arquivos. A literacia arquivística tem como foco o desenvolvimento de competências e habilidades nos usuários, desenvolvendo assim uma nova perspectiva para a mediação arquivística.

6 Considerações finais

Em um horizonte cada vez mais virtual, a mediação arquivística precisará adaptar-se na medida em que os arquivos reformulam e renegociam as suas relações com os usuários, não apenas no contexto de referência (MCCAUSLAND, 2011, p. 316). Uma nova perspectiva para a mediação arquivística está na capacitação e no desenvolvimento de habilidades de seus usuários, promovendo a literacia arquivística.

Siqueira (2018) contextualiza esta nova relação entre usuários e arquivos:

Com o advento do novo século e a consolidação de práticas e ferramentas que se convencionou chamar de Humanidades Digitais, o usuário de arquivo, sendo ele individual ou coletivo, ampliou seu escopo através de novas demandas e possibilidades, ultrapassando as fronteiras que haviam sido delimitadas nas décadas e séculos anteriores e que mesmo ampliadas ainda guardavam restrições aos usos, apropriações e reconfigurações de seus espaços (p. 15).

A literacia arquivística surge como instrumento de interação entre o arquivo e a figura cada vez mais ampla e plural do usuário, promovendo e auxiliando a aquisição de habilidades e competências a partir de mecanismos educativos, visando uma maior independência, compreensão e qualidade das consultas, pesquisas e usos de documentos e informações arquivísticas por parte do usuário, de forma presencial ou remota, sem a necessidade constante de mediação arquivística.

A literacia arquivística deve ser planejada como parte constituinte de uma política de disponibilização de acervos arquivísticos e das ações de mediação arquivística, visando à ampliação e a qualidade do serviço institucional oferecido e a capacitação do seu usuário nas habilidades necessárias para o atendimento de suas demandas, pois a simples disponibilização de acervos *on-line* sem que o usuário compreenda o processo de organização e recuperação de informação não irá garantir o acesso pleno às suas necessidades de informação, podendo comprometer a interpretação dos resultados de pesquisa. O “arquivo *online*” só cumprirá seu objetivo de forma integral se acessado por usuários que possuam uma literacia arquivística.

Retoma-se as indagações postuladas na seção introdutória deste artigo para, à luz do manancial teórico construído ao longo desta pesquisa, a respeito da noção de literacia arquivística, conduzir algumas respostas e possibilidades futuras para os arquivos.

A criação de novos espaços informacionais – virtuais – pelos arquivos, com o objetivo de atender uma quantidade muito maior de usuários, não é garantida com a simples disponibilização de bases de dados e representantes digitais dos acervos custodiados pela instituição na internet. De igual modo que a responsabilidade do arquivo, enquanto instituição ou serviço, não se encerra com estas novas possibilidades de acesso e uso dos acervos arquivísticos.

Se nos espaços tradicionais dos arquivos os usuários possuem aos seus dispor serviços de mediação arquivística, desempenhado pelos arquivistas e profissionais de arquivo, como facilitadores do processo de busca, acesso e uso dos documentos a partir de uma necessidade de informação do usuário, como garantir este mesmo serviço de referência aos seus usuários que utilizam as plataformas *on-line* dos arquivos?

A partir do que foi exposto neste trabalho, a promoção de competências em literacia arquivística é um meio que permite dotar o usuário *online* de conhecimentos que o permitam atender as suas necessidades de informação.

Os arquivos possuem características que os diferenciam de outras instituições de memória ou espaços informacionais. Seus métodos e técnicas de organização, além de questões éticas e legais próprias, constituem uma área do conhecimento delimitada e pouco conhecida.

Nesta perspectiva, a pesquisa em arquivos, na ausência de uma mediação direta arquivista-usuário, necessita estratégias a serem observadas pelos arquivos, para que se consiga atender as necessidades de informação dos usuários, em termos quantitativos e, sobretudo, qualitativos.

Dotar os usuários de uma literacia arquivística é uma forma de os arquivos cumprirem o seu papel, para além da mera disponibilização de conteúdo *on-line*, e aumentar sua importância e visibilidade na sociedade, como destacado por Nesmith (2007, p. 3).

Muito mais do que um tutorial de como acessar e pesquisar as informações nas bases de dados dos arquivos na internet, a promoção de competências para a literacia arquivística pode ser utilizada como um programa de formação de seus usuários, tanto de forma presencial como de forma virtual.

Para além da literacia arquivística, outras ações devem ser pensadas e implementadas para que um usuário de arquivo consiga, de forma *on-line*, atender às suas próprias demandas de informação: a explicitação metodológica que conduziu a organização dos acervos

documentais custodiados pela instituição; a avaliação e o monitoramento da presença e da visibilidade dos *websites* das instituições arquivísticas na *World Wide Web*; o desenvolvimento de práticas inclusivas para acesso igualitário às suas funcionalidades e, conseqüentemente, às informações (acessibilidade *web*); a implementação de soluções de arquitetura e *design* de informação com vistas à estabelecer uma maior interação usuário-arquivo, na perspectiva de um espaço virtual.

Como uma linha norteadora na criação e implementação de programas de formação em literacia arquivística, pelos arquivos, propõe-se alguns objetivos gerais:

1. Promover a aquisição de aptidões em literacia arquivística;
2. Desenvolver as habilidades no manejo de ferramentas digitais inseridas nas bases de dados *on-line*;
3. Prover a autonomização dos usuários na busca, acesso, interpretação e uso das informações disponíveis nos instrumentos e bases de dados;
4. Aumentar os potenciais utilizadores dos arquivos e rentabilizar a utilização dos recursos disponíveis;
5. Potencializar as ações de formação em literacia arquivística nas escolas e universidades;
6. Aumentar a visibilidade e importância dos arquivos, reforçando a sua importância junto a sociedade e o Estado.

Partindo de Gilliland-Swetland; Kafai; Landis (1999); Nesmith (2007); Yakel; Torres (2003), propõe-se como pontos principais de formação em literacia arquivística:

1. **Campo de conhecimento:** Informação a respeito do campo arquivístico, seus princípios e conceitos;
2. **Arquivo:** Informação acerca de um arquivo (instituição arquivística e serviços arquivísticos), serviços prestados e condições de funcionamento;
3. **Acervos, organização e recursos disponíveis:** Informação dos acervos custodiados, dos métodos e práticas de organização, dos recursos disponíveis e da forma de utilizá-los (saber pesquisar, selecionar, avaliar, interpretar e utilizar as informações e os documentos de arquivo), dos locais e fontes de busca de informações;
4. **Utilização dos recursos:** Informações a respeito da importância das fontes primárias, dos documentos como fonte de prova, da produção de conhecimento e do exercício da cidadania, e dos direitos e deveres para a utilização dos documentos (direitos de imagem, direitos autorais entre outras questões legais).

Os pontos propostos acima constituem-se como um estímulo ao debate acerca da implementação institucional da literacia arquivística, destacando que em todo processo educativo o conhecimento compartilhado multiplica-se e indica novos caminhos e possibilidades. A literacia arquivística, portanto, auxilia os usuários capacitando-os e ao mesmo tempo aperfeiçoa os serviços arquivísticos, ao fazer a instituição pensar e refletir sobre si própria.

O debate acerca da literacia arquivística ainda é incipiente, com ausência de estudos aprofundados e carente de reflexões teórico-metodológicas. Aliada a este cenário, percebe-se uma tímida ação da área, referente à implementação de práticas e atividades de literacia. As reflexões aqui apresentadas, bem como as perspectivas apontadas podem servir de incentivo para uma maior divulgação da literacia arquivística.

Como perspectivas de pesquisas a serem exploradas no campo arquivístico, aponta-se as relações entre a literacia arquivística, as novas formas de disponibilização e o acesso *on-line* às informações, e as humanidades digitais, esta última como um território interdisciplinar que enxerga as transformações e as potencialidades das ferramentas digitais no contexto das humanidades.

Referências

ANTÓNIA, N. M. **O papel do profissional de arquivo nos processos de desenvolvimento e inovação.** Bibliotecas e arquivos: informação para a cidadania, o desenvolvimento e a inovação. **Anais...** In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9. Ponta Delgada (Açores): BAD, 2007. Disponível em: <<https://bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/download/539/328>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

ARCHER, J.; HANLON, A.; LEVINE, J. A. Investigating Primary Source Literacy. **Journal of Academic Librarianship**, v. 35, n. 5, p. 410–420, 2009.

BLUNDELL, S. **Archival literacy in action:** Exploring information literacy capabilities in the Ludy T. Benjamin, Jr. Popular Psychology Magazine collection. 2013. Disponível em: <http://www.ohioarchivists.org/wp-content/uploads/2013/07/Blundell_soa_2013-04_poster_archlit.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

BLUNDELL, S. The Past is Prologue: Archival Literacy as Bridge between Archivists and Educators. **Society of Ohio Archivists**, p. 40-46, 2014. Disponível em: <http://www.ohioarchivists.org/wp-content/uploads/2015/05/ohio_archivist_2014_spring.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

CHEPESIUUK, R. Archives and the Child: Educational Services in Great Britain and Ireland. **Provenance**, v. 1, n. 2, p. 45–58, 1983.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). **Portal do Conselho Nacional de Arquivos**. Disponível em: <<http://conarq.arquivonacional.gov.br/documentos-eletronicos-ctde/perguntas-mais-frequentes.html>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

DOYLE, C. S. **Outcome Measures for Information Literacy within the National Education Goals of 1990. Final Report to National Forum on Information Literacy. Summary of Findings**. Washington, DC: Department of Education, 1992. (ERIC document n. ED 351033)

DUFF, W. Mediação arquivística. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL (Eds.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 171–202.

DUFF, W.; FOX, A. 'You're a guide rather than an expert': Archival reference from an archivist's point of view. **Journal of the Society of Archivists**, v. 27, n. 2, p. 129–153, 2006.

FRATINI, R. Educação patrimonial em arquivos. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 34, 2009. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia05/texto05.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

GILLILAND-SWETLAND, A. J.; KAFAI, Y. B.; LANDIS, W. E. Integrating Primary Sources into the Elementary School Classroom: A Case Study of Teachers' Perspectives. **Archivaria**, v. 1, p. 89–116, 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JARDIM, J. M. O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação. In: **Caderno de Textos**. Mesa Redonda Nacional de Arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional (Brasil), 1999.

JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, p. 1–13, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7650>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

KOYAMA, A. C. Educação patrimonial em arquivos on-line: narrativas em rede e seus tecidos. **RESGATE**, v. 20, n. 23, p. 7–17, 2012.

KOYAMA, A. C. **Arquivos on-line: práticas de memória, de ensino de História e de educação das sensibilidades**. Tese de Doutorado—Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

KOYAMA, A. C. **XI Congresso de Arquivologia do Mercosul**. (A. C. N. de Andrade, Ed.) Arquivos, entre tradição e modernidade, volume 2: trabalhos apresentados nas sessões de comunicações livres e os eventos paralelos do XI Congresso de Arquivologia do Mercosul. **Anais...** In: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE MEMÓRIA, ENSINO DE HISTÓRIA E ARQUIVOS. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), 2015.

KOYAMA, A. C. Acervos documentais on-line, práticas de memória e experiências educacionais. **ACERVO: Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, p. 74–88, 2016.

KRAUSE, M. G. Undergraduates in the Archives: Using an Assessment Rubric to Measure Learning. **The American Archivist**, v. 73, p. 507–534, 2010. Disponível em: <<http://americanarchivist.org/doi/pdf/10.17723/aarc.73.2.72176h742v20l115>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

Literacia. Léxico Dicionário de Português *On-line*. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.lexico.pt/literacia/>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

MCCAUSLAND, S. A future without mediation? *On-line* access, archivists, and the future of archival research. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 42, n. 4, p. 309–319, 2011.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC, 2010.

NESMITH, T. What is an archival education? **Journal of the Society of Archivists**, v. 28, n. 1, p. 1–17, 2007.

NIMER, C. L.; DAINES III, J. G. Teaching Undergraduates to Think Archivaly. **Journal of Archival Organization**, v. 10, n. 1, p. 4–44, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

PARRELA, I. D. Educação Patrimonial nos arquivos brasileiros: algumas experiências e perspectivas de uso da metodologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 107–116, 2013. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/09/pdf_2e9fee9105_0000016752.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

SIQUEIRA, M. N. **Em busca do multiusuário em instituições arquivísticas: o caso do Arquivo Nacional do Brasil.** In: ENCONTRO BAD AO SUL, 3., 2018, Ferreira do Alentejo. **Atas... BAD: no prelo.**

SNAVELY, L.; COOPER, N. The information literacy debate. **Journal of Academic Librarianship**, v. 23, n. 1, p. 9–20, 1997.

STEVENSON, J. The *on-line* archivist: A positive approach to the digital age. In: CRAVEN, L. (Ed.). **What are archives? Cultural and theoretical perspectives: a reader.** Aldershot: Ashgate, 2008.

TAYLOR, H. A. Clio in the Raw: Archival Materials and the Teaching of History. **American Archivist**, v. 35, n. 3–4, p. 317–330, 1972.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**, 1972. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

WILSON, I. Towards a Vision of Archival Services. **Archivaria**, v. 31, p. 91–100, 1990-1991.

YAKEL, E. Information Literacy for Primary Sources: Creating a New Paradigm for Archival Researcher Education. **OCLC Systems & Services: International Digital Library Perspectives**, v. 20, p. 61–64, 2004.

YAKEL, E.; TORRES, D. A. AI: Archival Intelligence and User Expertise. **American Archivist**, v. 66, p. 51–78, 2003.